

## O QUARTO DO CONSOLO

Mayo Matbers

O quarto do consolo estará disponível a semana que vem? - perguntou minha amiga com voz extenuada e abatida. -Um descanso certamente me faria bem -completou ela.

Sorri, ao lhe assegurar que poderia utilizar o quarto de con-solo. Desliguei o telefone e fui até o cômodo que ela mencionara. O quarto de consolo surgiu quase por acidente, mas algo ficou óbvio para mim: as pessoas que o utilizam não vêm aqui por acidente, pois Deus as traz para nós quando mais necessitam de consolo.

Olhei ao redor do cômodo, passei minhas mãos suavemente sobre o papel de parede para sentir o desenho confortador. Cami-nhei até a cama antiga, estiquei a manta, enfeitada com alianças brancas e azuis, e me alegrei com a sensação familiar de conforto, que me apaziguou e envolveu como um edredom de penas.

A lembrança mais antiga que tenho dessa cama é de quando eu tinha três anos. Meus pais haviam trazido minha irmãzi-nha recém-nascida para a casa de minha avó, onde eu estava. Enquanto mamãe a deitava na cama, fiquei na ponta dos pés, espiando com entusiasmo por cima do colchão alto para que pudesse ter uma visão dela.

A cama, a cômoda e a penteadeira, tudo do mesmo estilo, ficavam, pelo que eu me lembro, no local que um dia foi a sala de visitas da espaçosa casa da fazenda de meus avós, em Missouri. Nos verões daquela época, quando todos os netos visitavam seus avós, "revezamento" era a ordem do dia. Nós nos revezávamos no balanço da varanda, na bicicleta e até mesmo nas tarefas domés-ticas. No entanto, na hora de dormir na cama da vovó, não havia revezamento algum. Até mesmo nas noites quentes e abafadas de verão, ela deixava que nos amontoássemos todos de uma vez ao redor dela. Os pequenos corpos suados ficavam alegremente colados uns aos outros, enquanto escutávamos histórias sobre os tempos antigos, até que, um após o outro, todos adormecêsse-mos.

Aquelas histórias bem tramadas me davam um grande senso de identidade familiar, além de me fazerem sentir orgulho e con-solo. E eu necessitava de muito consolo quando, no verão, as nuvens começavam a se formar no céu azul que se estendia sobre os campos de milho que rodeavam a fazenda. Eu tinha pavor dos temporais do Meio-Oeste, selvagens, fortes e barulhentos, que caíam quando nuvens densas apareciam no céu.

Eu olhava pela janela o clarão rápido e intenso dos relâmpagos através do céu. Após cada clarão contava os segundos até escutar o reboar do trovão. Vovó dissera que essa era a maneira

de saber a que distância a tempestade estava de nós.

O que eu mais detestava eram as tempestades na hora de dormir - quando tinha de subir para o meu quarto, pois estaria ainda mais perto do temporal. Era impossível dormir. À medida que os clarões cheios de nervuras dos relâmpagos ficavam mais brilhantes, o tempo entre a luz intensa que cortava o céu e o reboar do trovão era cada vez mais curto.

Até que, de repente, CLARÃO! BU-BUM! A luz e o som chegavam juntos! O temporal já chegou aqui! Bem em cima de mim!

Nesse momento, eu saltava da cama, com minha irmã grudada em mim, e dávamos de cara com meu irmão no corredor. Aí, nós três corríamos escada abaixo, todos tão próximos que mais parecíamos um só.

Ao escutar os pés ligeiros, vovó mais que depressa puxava as cobertas da cama, e nós pulávamos o mais rápido que podíamos para debaixo delas, procurando ficar bem juntinho a ela, agar-radinhos. Quando o trovão reverberava na casa que estremecia, vovó pulava dramaticamente e exclamava: "Uau! Este daí fez meus pêlos ficar em pé!". E nós, com a cabeça enterrada sob os travesseiros, não conseguíamos deixar de rir. Na cama da vovó sempre éramos consolados.

Ali, encontrei abrigo e consolo não só dos temporais, mas das tempestades da vida. Mágoas, coração partido, inseguranças - tudo era curado ali. Quando eu tinha a sorte de ter a vovó só para mim na cama dela -o que não acontecia com frequência - contava-lhe os meus segredos mais íntimos, pois sabia que ela os levava a sério.

Quando meu pai, filho dela, morreu de câncer, eu tinha oito anos. No último dia de sua vida, em vez de passar aqueles últimos momentos com ele no hospital, vovó me acolheu em sua cama. Ao enrolar seu corpo em volta do meu, ela me infundiu o consolo que ainda não sabia que eu precisava.

Na universidade, quando terminei um noivado, algo que des-truiu meu coração e minhas esperanças, ela me consolou com sábias palavras: "O caminho para o amor nunca é sem obstáculos, minha querida, mas você encontrará o seu na hora certa". Quatro anos mais tarde sua palavra se cumpriu.

Logo depois de meu casamento, vovó morreu, o que significou o término de uma fonte de amor e consolo ilimitados, do tipo que só uma avó pode dar, e a qual nunca seria substituída. Quando minha tia me telefonou para informar que o conjunto de mobílias do quarto da vovó seria meu, fui imediatamente a Missouri para trazê-lo para perto de mim. Embora as belas peças do mobiliário tivessem de ser guardadas, eu tinha esperanças de que algum dia teria um cômodo para elas em nossa casa.

O tempo voou, e os anos passaram rapidamente. Presa à alegre, mas frenética, tarefa de educar dois filhos, não tive muito tempo para pensar na mobília guardada no sótão. O presente me consumia em demasia para ter tempo de pensar no passado. Antes que percebesse, nosso primogênito estava arrumando suas coisas para mudar-se para uma nova fase de sua vida.

O dia em que Tyler saiu de casa, fui ao seu quarto vazio e me sentei no chão, e recordação após recordação passavam rapidamente, como se cada uma delas fosse um tapinha amistoso nos ombros. Sua partida foi mais dolorosa do que eu antecipara. No eco desse cômodo, tentei aceitar essa porta que acabara de se fechar em minha vida.

De súbito, um pensamento me assolou. Levantei a cabeça e olhei o quarto de meu filho com novos olhos. Finalmente, teria um quarto para abrigar a mobília da vovó.

Nas duas semanas seguintes, dediquei-me àquele quarto, escolhendo com carinho a tinta, o papel de parede e as gravuras'. Lágrimas caíam na

bandeja de tinta enquanto eu ponderava sobre todas as diferentes estações que temos de enfrentar ao longo da vida. Quando acabei de pintar e colocar o papel de parede, meu marido arrastou a mobília, que estava no sótão, até o quarto e me ajudou a arrumá-la. Depois de tudo pronto, parei para apreciar o resultado desse empreendimento. Deixei que meus dedos deslizassem pelos sulcos no suporte dos pés daquele maravilhoso tesouro. Sentei-me em silêncio, e uma sensação familiar implorou por abraçar-me -a mesma sensação que eu tinha quando estava na cama, ao lado da vovó. Era como se ela estivesse ali comigo no quarto, consolando-me nesse novo estágio de minha vida.

Naquele instante, batizei o local -quarto de consolo. Ali mesmo onde eu estava sentada, orei: "Senhor, espero que todos os que ficarem neste quarto sintam o consolo que estou sentindo agora. Traze-nos pessoas necessitadas de consolo".

Nossa primeira convidada foi uma amiga que acabara de perder um irmão e dois grandes amigos. A seguir, um casal que enfrentava um ponto de transição na vida, mas não sabia que rumo tomar. Depois, uma jovem prima que necessitava de uma moradia temporária, e também um tio que morava fora da cidade e cuja esposa, após um enfarte, teve de ser levada às pressas para nosso centro médico. Desde o dia em que aquele quarto ficou pronto, Deus tem providenciado para que seja bem utilizado.

Há, porém, um visitante cuja chegada antevejo com muita alegria. Espero o dia em que meu filho retornará e trará consigo um neto. Aí, serei a avó que aconchegará seus netos naquela velha e antiga cama. Serei a pessoa que tecerá a trama das histórias do tempo de antigamente e oferecerei a eles o que minha avó me deu -consolo incessante e amor ilimitado.